

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

José Francisco Marques

registada em 2008-09-11
por

Joana Ribeiro e Carla Aguiar

José Francisco Marques

José Francisco Marques, natural de Monte Frio, nasceu em 5 de Março de 1924. Filho de António Francisco e Maria dos Anjos Marques. Ambos eram trabalhadores rurais. Tiveram três filhos, José foi o primeiro. Com 7 anos começou a ajudar os pais, a guardar as ovelhas, enquanto estes andavam na fazenda, e a tomar conta dos irmãos mais novos. “Os brinquedos eram uma foice roçadoura para cortar mato para deitar aos animais e uma foice para ceifar erva para deitar às ovelhas.” Aprendeu com um senhor da terra, “ele tinha realmente umas luzes e ensinava”. Foi para a escola em 1933, com 9 anos, logo para segunda classe. Em 1935, com 11 anos, fez o exame da quarta. Andou 33 meses na tropa e em 1939 foi embora da aldeia para Lisboa, para casa de um tio. Regressou para a aldeia, no tempo da guerra. Trabalhou na estrada, “na primeira estrada que se fez no Monte Frio”. Mas quando acabou a estrada não havia nada, teve de ir para Lisboa. Trabalhou para a Sociedade Industrial Farmacêutica, foi moço de farmácia. Mais tarde foi trabalhar numa estação de serviço, na Garagem de Santa Luzia e depois para a General Motors, em 1962. Quando começou a namorar estava em Lisboa e a esposa no Monte Frio. Conheciam-se “desde o princípio”. O namoro foi feito por cartas. O casamento, católico, realizou-se no Monte Frio. Passaram mais de dez anos de casamento até que o filho nasceu, em Lisboa.

Índice

Identificação José Francisco Marques.....	4
Ascendência António Francisco e Maria dos Anjos Marques.....	4
Casa Uma casa herdada, outra construída.....	4
Infância Uma infância a trabalhar.....	5
Religião Sou muito crente em Jesus Cristo.....	6
Educação "Fiquei logo na segunda classe".....	7
Migração "Eu e a outra rapaziada aventurámo-nos".....	9
Percurso profissional "Trabalhar para aquecer, não!".....	10
Ofício "Fiz sempre por ser perfeito".....	12
Casamento "Foi um casamento católico".....	14
Descendência Em Lisboa.....	15
Lugar As diferenças de Monte Frio.....	15
Costumes	19
Sonhos "Pensar sempre no futuro".....	20
Avaliação "Que se recolham coisas acertadas".....	21

Identificação *José Francisco Marques*

Chamo-me José Francisco Marques e sou natural de Monte Frio. Nasci em 5 de Março de 1924.

Ascendência *António Francisco e Maria dos Anjos Marques*

Sou filho de António Francisco e Maria dos Anjos Marques. Eram naturais de Monte Frio e praticamente trabalhavam no campo, eram trabalhadores rurais. Era a maneira de viver naquele tempo.

Tive dois irmãos. Um chamava-se Fernando Francisco e tinha menos cinco anos que eu, o outro era Arnaldo Francisco Marques e tinha menos oito anos. Normalmente tínhamos uma relação boa mas, quer dizer, a adolescência deles foi praticamente os dois sozinhos, porque eu fui-me embora.

Casa *Uma casa herdada, outra construída*

"Uma casa já primitiva naquele tempo"

A casa dos meus pais era na parte de cima do Monte Frio, chama-se lá a Soalheira. Era uma casa já primitiva naquele tempo. As casas, ao princípio, não tinham condições. Eram cobertas com lajes. A minha era pequena e tinha uma cozinha, uma sala e um quarto. Na parte de baixo tinha a loja, onde estava uma cama, onde eu e os meus irmãos dormíamos. Era cimentada e estava limpa, mas era lá que se dormia. Os animais estavam na quinta, chamavam a fazenda.

Casa de banho? Nem pensar! Não se usava nesse tempo. Tomava-se banho numa banheira improvisada e, no Verão, tomávamos banho nas poças. Era água boa para isso, vinha das nascentes.

"Construída de novo"

No Monte Frio também tenho uma casa. Era uma casa velha. Comprei-a e foi demolido tudo o que lá estava. Tivemos que minar muita peneda. Depois foi toda limpa e construída de novo. Mas deu muito trabalho, muita despesa. Viemos

habitá-la fez 20 anos no dia 4 de Agosto, precisamente quando eu e a minha mulher fizemos também anos de casados! E ainda vou até contar outra história: na altura, a minha netinha, tinha 2 anitos. Quando vinha com os pais via só uma casa velha. Mas, quando cá chegou a última vez e viu assim a casa, diz-me ela:

- "Ó avô, pega-me ao colo! Tens que me mostrar a casa toda!"

Está toda assente em peneda. No Inverno é quente e no Verão é fresquinha que é uma maravilha! Só tem 66 metros quadrados, mas tenho uma casa por baixo, outra em cima e o sótão. Temos a cozinha, a casa de jantar, três quartos por cima, uma em baixo e ainda temos duas casas de banho. Somos cinco pessoas, chega bem para a gente.

Infância *Uma infância a trabalhar*

"Os animais eram nossos amigos"

Praticamente quando comecei a andar, talvez com 7 anos, já ia com a minha mãe para o pé dos animais. Ajudava a guardar as ovelhas. Para os meus pais andarem a trabalhar na fazenda, alguém tinha que olhar pelos animais. Tinha-se que cortar mato para ter as camas dos animais limpos. Então, abria-se-lhe a porta dos currais e deitavam-se para a rua. No Inverno andavam ali assim umas horas. No Verão deitavam-se de manhã e depois à tarde, porque elas, coitadas, comem, comem, comem... parece que nunca estão satisfeitas. Os animais eram nossos amigos! As cabras e as ovelhas, se não vissem as pessoas, paravam, até nem comiam. Gostavam das pessoas ao pé.

Mas davam uma carne muito boa e um leite que era uma maravilha! Aquele queijinho feito com esse leite, era bom em qualquer altura, mas principalmente em Abril e Maio, quando as carquejas tinham muita flor e as cabras e as ovelhas comiam aquilo, faziam um queijo que era uma maravilha. O leite era coado e preparado para fazer o queijo, mas guardava-se também uma parte para se comer, que era muito bom o leite de cabra. Os pastores, muitas vezes, levavam um bocado de broa, chegavam ao pé de uma cabra, tiravam o leite para uma vasilha e comiam. E assim matavam a fome. Foram tempos difíceis mas, naquela altura, os animais estavam limpos, não tinham doenças. Bebia-se o leite de cabra sem ser fervido e nunca houve problemas.

Lobos

O único perigo que havia eram os lobos! Porque os lobos, já se sabe, é um animal carnívoro. Quando o lobo via um rebanho atirava-se sempre a uma rês pequena mas, se as ovelhas se misturassem e ele a perdesse de pista, já não tocava no rebanho. Mas antigamente houve para aí assim muitos lobos e eles atiravam-se. Em princípio, atiram-se aos animais mas, se não houver animais e se forem mais do que um, podem atirar-se mesmo a uma pessoa. Em tempos, atacavam de noite e chegaram a matar! É perigoso!

"Chegou-lhe a vir atacar"

Uma vez, estava nevoeiro, a minha mulher andava também a guardar umas ovelhas e um lobo chegou-lhe a vir atacar. Mas os lobos não lhe pegaram!

Depois, então, conseguiram extingui-los. Mas agora trouxeram-nos lá para Trás-os-Montes e já estão lá a fazer muito prejuízo!

Não havia tempo para brincar

Brincávamos a trabalhar! Os meus brinquedos eram uma foice roçadoura para cortar mato para deitar aos animais e uma foice para ceifar erva para deitar às ovelhas. E tomar conta dos meus irmãos. Enfim, fazia-se o que se podia, o que estava dentro das nossas possibilidades. Não havia tempo para brincar. Fui para a escola e depois ainda tínhamos que ir ajudar. Como era o mais velho, a vida foi um bocado dura.

Religião *Sou muito crente em Jesus Cristo*

"Era dos mais novos"

Andei na catequese na Benfeita. Íamos a correr por aí abaixo! Eu era dos mais novos! Recordo-me muito bem de dizerem:

- "Vai fazer a Comunhão, mas não sabe o que é que vai fazer!"

Os outros mais velhos andavam mais depressa e diziam:

- "Ó Zé, não tens medo de ir só?"

Eu dizia:

- Eu não!

Realmente era novo. Mas, não sei, era uma coisa que estava comigo. Eu sou muito crente em Jesus Cristo! Sempre fui e sou. Íamos por uns caminhos que havia pelo Monte Frio abaixo. Levava 50 minutos daqui para a Benfeita.

Era um padre quem nos ensinava, era da Dreia. Recordo-me que, uma vez, um rapaz dos Pardieiros estava a brincar com outro. Então, o padre puxa assim numa orelha e começou a bater com a cabeça. Já se sabe como são os rapazes: a brincarem, a chamarem nomes uns aos outros e tal, daí a estaladeira. Estavam dentro da igreja, mas não havia respeito!

"Quem é que percebia o latim?"

Antigamente a missa era em latim, mas quem é que percebia o latim? Eu recordo-me que na Igreja de São João de Deus, em Lisboa, havia lá gente com instruções que rezavam o Padre Nosso em latim. Claro, porque realmente aprenderam. Depois, salvo erro, foi Paulo VI (o primeiro papa que veio a Fátima), que mudou para português. Mas não preciso de ir à igreja, tenho em casa tudo o que preciso para saber.

Houve aí uma altura em que havia missa todos os domingos no Monte Frio. Já morreu o padre que cá estava, era o padre Redondo. Mais tarde a missa era só na Benfeita, que é sede de freguesia. E depois, então, vinha gente das aldeias todas: o Sardal, o Enxudro, Monte Frio, Pardieiros, Luadas, Pai das Donas e Dreia. Mas agora já não nem lá há pároco, porque o padre está a paroquiar a Benfeita, Côja, Cerdeira, os Cepos, a Teixeira e isso tudo. No Monte Frio até é um grupo de leigos que vão à igreja fazer as leituras. E, quer dizer, quem quer comungar estão as hóstias num sacrário. Comungam-nas, mas não é uma missa.

Educação "*Fiquei logo na segunda classe*"

Quando fui para a escola, houve um senhor aqui na terra que foi muito amigo do pessoal naquele tempo. Não havia professores. Então, ele tinha realmente umas luzes e ensinava-nos. E tinha muito jeito para ensinar! Quando em 1933 fui para a escola, tinha 9 anos, fiquei logo na segunda classe! Lembro-me até da primeira frase que escrevi na escola. A professora escreveu: "Na Primavera há muitas rosas e lindas". Foi a primeira coisa que escrevi na pedra. Chamavam-lhe uma ardósia. Era um pedra preta, que se escrevia com giz e era

forrada com um género de um caixilho. Naquele tempo não havia cadernos como há hoje.

"A professora queria que eu puxasse pelo cérebro"

A minha professora chamava-se dona Sofia de Matos Sabino e era da Carrapichana, uma terra na Beira Alta. Era uma boa professora. Na altura, havia aí uns indivíduos que eram da minha idade, mas havia outros mais velhos, rapazes que já tinham quatro, cinco anos de escola ou o que era. Um era de Vinhó e veio para o Monte Frio morar com uns tios, outro era das Casarias, tinha andado na Moura. Tinham sido maltratados por o professor e por isso é que não conseguiam fazer a quarta classe. Portanto, só fiquei eu naquele ano mais os outros dois. Mas foi muito complicado, porque eles já tinham umas luzes daquilo e eu só tinha um ano de escola.

Contas de dividir

Quando foi nas contas de dividir, eu não tinha explicações. Então, um dia, fui mostrar aquilo. Ficava mal, apagava. De forma que fui-lhe mostrar a segunda vez. A conta estava mal. A professora mandou-me uma palmada com a mão esquerda, ia-me deitando abaixo! É claro, os meus pais eram analfabetos e ela queria que eu puxasse pelo cérebro. Eu puxei, mas os outros não deram. É como eu digo: nem todos os dias um indivíduo está com o cérebro aberto, não é?

Depois, quando foram as férias, ela disse-me:

- "Compra os livros da quarta classe!"

E compreí a um indivíduo chamado Alberto Peres, que já morreu. Custaram 40 escudos os livros todos! Ele já tinha muito mais idade do que eu, mas recordo-me que eram livros muito bons e estavam em boas condições. Parece-me que ainda tenho dois ou três livros, é o de Aritmética e não sei que mais. Mas depois um deles foi emprestado a um indivíduo que já morreu e estragou-se, não o soube poupar. O que é que se há-de fazer... Diz que "fazer bem não olhar a quem", mas ele não poupar os livros.

"Ainda tenho o diploma da quarta classe"

Andei só dois anos na escola. Fiz exame aos 11 anos, a 7 de Julho de 1935. Ainda tenho o diploma da quarta classe, está arrecadado. Fomos a Arganil de

automóvel. O exame felizmente correu bem e até digo mais: saiu um exercício de redacção que nunca tínhamos feito na escola. Era sobre o sal. É verdade! Nunca que se tinha feito esse exercício, mas lá nos safámos. Sei que escrevi que o sal que era indispensável para temperar as comidas e para conservar certos alimentos.

"As últimas aulas que lá deram foi em 1987"

A minha escola era na casa de um indivíduo. Comprou-a, mas depois, como nunca se casou, cedeu-a para a escola. Em colaboração com o senhor Francisco Peres, que era realmente um indivíduo que naquele tempo tinha poder e era a pessoa que mais ou menos dirigia isto, lá fizeram a escola e compraram as secretárias, porque era uma coisa rudimentar. As últimas aulas que lá deram foi em 1987, quando andava eu a fazer a minha a casa. Nesse tempo ainda existia lá a capela e o largo era muito pequeno, mas os rapazes e as raparigas andavam para ali na brincadeira, às vezes a jogar à bola. Depois, mais tarde, é que começaram a deitar prédios abaixo, levaram para lá o cascalho, os destroços das casas, e fizeram o largo que lá está. Ainda fizeram outra escola, mas também foi demolida.

Migração "*Eu e a outra rapaziada aventurámo-nos*"

Andei 33 meses na tropa. Depois, em 1939, fui-me mesmo embora, porque na aldeia não dava nada, era muito pobre. Normalmente, a quase todos os rapazes iam para Lisboa. Era a única maneira. Não havia futuro para se viver no Monte Frio. Era uma vida difícil, naquele tempo, eu e a outra rapaziada aventurámo-nos! Eu comparo isto como os emigrantes que vão para a França. A vida era mais ou menos nesse género.

Foi o pai do meu primo Zé Francisco, que me levou para Lisboa. Noutros lados trabalhavam outras pessoas do Monte Frio. Viviam na Casa da Malta, umas camaratas onde tinham as suas roupas, as suas coisas e faziam lá o comer. Tinham que o fazer, porque os ordenados eram pequenos, não dava para irem comer numa pensão ou numa taberna. Era a maneira de viver naquele tempo. Eu, por acaso, não fui, vivia com o meu tio. Depois, mais tarde, fiquei sozinho. Morava na Rua Gonçalves Crespo. Tinha um quarto pequeno, mas muito jeitoso. Daí é que eu tive pena de sair. Foi quando vim para Monte Frio, no tempo da guerra.

"A viagem demorava a quase um dia!"

Quando fui para Lisboa eu praticamente nunca tinha visto carros. Houve aí pessoas, uns dois ou três indivíduos, que tinham. Mas eram carros velhos, de táxi, em Lisboa. Só vinham à aldeia com eles quando era em Agosto. De resto, não havia mais nada. Ainda no outro dia, quando vinha de Côja na carreira, disse para o chofer:

- Olhe, a estrada em 1935 ia aqui assim neste sítio!

Era adiante, onde há uma curva que se deixa de ver. Ali assim é que a estrada vinha e é que veio lá o carro também. Foi em 1937. Era um automóvel da Empresa Automobilística Arganilense, que era de um indivíduo aqui da Benfeita. Depois tudo foi desbaratado, foi vendido a esse indivíduo Adelino Pereira Marques que era, salvo erro, para os lados de Ferreira do Zêzere.

A primeira vez que fui para Lisboa fui de camioneta e depois no comboio. Quando vinha, era de comboio até Santa Comba Dão e depois a camioneta para o Monte Frio. O nome daquilo era Serviço Combinado com os Caminhos de Ferro da Beira Alta. Nesse tempo era Caminho de Ferro da Beira Alta, porque era um concessionário, coisa dos franceses, que estavam a explorar aquilo. Parece que foi durante 50 anos. As carruagens até eram diferentes. A viagem demorava quase um dia! Eu recorde-me que, naquele tempo, tinha que se mudar na Pampilhosa e o comboio estava parado no Entroncamento quase uma hora. Depois acabou e agora, já há muitos anos, é da CP. Parece que já há comboios eléctricos a virem para cima. Até digo mais: eu gostava de fazer a viagem de comboio. Porque em Vila Franca passa um comboio às oito horas e 25 da manhã e às 11 e meia estava em Santa Comba! Depois, na altura, havia carreira, chegava ao Monte Frio às quatro horas. Presentemente não faço, porque não há carreiras de Santa Comba para aqui. Isso acabou. Não há passageiros para ela e fica muito caro.

Ultimamente, desde 1974, vinha com o meu filho. O português tem amor à terra onde viveu, onde nasceu. Mas eu só venho ao Monte Frio passar o Verão. Nem queiram saber como é o Inverno na aldeia! Quando o vento está de sul ou de sudoeste, é um frio! E nevoeiro? Às vezes, está o dia inteiro e um indivíduo em baixo disso.

Percurso profissional "*Trabalhar para aquecer, não!*"

Ainda cheguei a andar a trabalhar na estrada, na primeira estrada que se fez no Monte Frio. Eu e os rapazes da minha idade andámos a trabalhar

onde se chama a Lomba, na Fonte Raiz. Era uma moeda de prata que se recebia. Ganhávamos 25 tostões. Naquele tempo era 2 escudos e 50 cêntavos. Os ordenados eram muito pequenos, nunca davam nada. Mas depois acabou a estrada, pronto, não havia nada. Naquele tempo, as pessoas que estavam válidas ajudavam-se umas às outras nos campos. Mas "trabalhar para aquecer" não, diziam os velhotes:

- "Trabalhar na terra: "ela o dá, ela o come"!"

Quer dizer: dava para viver, mas não dava para arranjar nada para futuro. Um indivíduo tinha que ir para Lisboa.

Moço de Farmácia

Em Lisboa fui para a Sociedade Industrial Farmacêutica. Era moço de farmácia. Em parte entregava medicamentos e ia à Rua da Misericórdia buscar outros para serem vendidos na farmácia. Depois lavavam-se muitos frascos lá no laboratório e era tratar da limpeza da farmácia também.

Verificador de automóveis

Mais tarde fui trabalhar numa estação de serviço, na Garagem de Santa Luzia. Era verificador de automóveis. Fazia o meu trabalho, puxando pela cabeça. Davam poucas instruções às pessoas. Os indivíduos que lá estavam à frente daquilo, que eram encarregados de garagem e isso tudo, não sabiam mais nada, não tinham jeito para mais nada. Só sabiam dizer:

- "Vá, vá, vá"

Ao serviço da General Motors

Fui trabalhar para a General Motors. Entrei para lá em 1962, mas exigiram análises ao sangue e às urinas. Fui a uma inspeção médica à Avenida da Liberdade. Depois fui para lá e, a mim e aos outros, deram uma declaração: "15 dias à experiência". Se servisse, ficava, se não servisse:

- "Vais-te embora!"



General Motors

O primeiro dia de trabalho

Ainda fui para Alcântara. Eles tinham um contrato para montar sete camiões por dia e se não os montassem, perdiam-lhe o direito. Era os caminhões Bedford! Fui então mais uns três indivíduos, para a montagem de camiões. E o que é que eles me deram no primeiro dia? Montar os pneus! Eram sete caminhões, eram 42 pneus! Depois foi lá também um indivíduo ajudar. Montei mas, à tarde, comecei a fazer um outro serviço. Eles viram que eu que dava melhor naquilo e foi naquilo que eu fiquei. Ao outro dia já não fui montar os pneus! Já foi outro.

Mas foram bons esses 15 dias de experiência. Como digo, no primeiro dia montei os pneus, mas no outro dia já comecei na secção de componentes de automóvel.

Ofício "*Fiz sempre por ser perfeito*"

A gente recebia o carro da linha, do forno, ainda quente. A primeira coisa que se começava a montar era as instalações eléctricas e aquelas coisas todas. O carro, por exemplo, que entrasse às oito horas da manhã, quando era ao meio-dia estava a sair já da linha. Aquilo era muito complicado! Naquele tempo,

interessava-lhes montar os caminhões. Os carros, os *decors*, vinham em caixa fechada e eram abertos lá em Alcântara. Estavam os bate-chapas a abrir aquilo e eu e um outro indivíduo tirávamos os tejadilhos. Mas era preciso saber o que é que se estava a fazer, porque os tejadilhos tinham que se montar e não se conhecia nada.

Depois, havia lá uma coisa difícil: era pôr a caixa de velocidades no motor. Vinham muitas coisas feitas, mas meter a caixa de velocidades, encaixá-la no motor, era um bocado difícil. Esteve lá um indivíduo que não aguentava, mas também não lhe disse nada. O encarregado é que me disse:

- "É pá, veja lá se consegue safar isto! Ele está ali de volta daquilo..."

Aquilo tinha umas ranhuras, eu ia com o dedo apalpar, chegava ali, tinha-lhe que pegar com dois ferros para a encaixar e metia a caixa de velocidades logo. Mas aquilo ainda pesava um bocado!

"Fiquei montador de vidros das portas"

Recordo-me que, uma vez, lá na fábrica, havia a janela de um camião para montar. Aquilo levava o vidro e um ventilador metido dentro. Mas era preciso uma moldura, metida pela parte de dentro, que levava cinco parafusos e nada daquilo vinha furado. O encarregado disse:

- "É pá, estão para aqui assim, veja lá se você consegue desenrascar isso!"

Tinha que saber a coisa, porque aquilo era apertado com cinco parafusos. Peguei na moldura, encostei-a. Tinha um riscador, segurei com a mão, sem braço, claro, riscava aquilo e, depois, tinha um furador. O buraco não podia ficar mais largo que aquilo. Despachei-me com o trabalho, pronto, fiquei montador de vidros das portas!

Primeiro era só um. Depois, mais tarde, como a produção começou a aumentar, veio outro. Eu, como tenho mais jeito para trabalhar com mandrilha para apontar aos parafusos, fiquei no lado esquerdo, e o encarregado ficou na porta do lado direito. Ele tinha 38 anos na altura, mas era das tais maneiras: apertávamos um com o outro! Não sei quantos carros é que eu montava na altura, mas ele queria sempre montar uma porta a mais do que eu. Andávamos sempre ali a apertar um com o outro.

Naquilo que eu trabalhei, fiz sempre por ser perfeito. E havia até lá uns discos dizendo: "Em vez de corrigir defeitos, evita-os". Fui chefe de equipa e as pessoas diziam:

- "Você exige!"

Mas eles é que me exigiam mais. Tinha um caderno de encargos em que, se houvesse qualquer coisa mal feita, não iam ter com quem fez, vinham ter comigo. Por isso, eu exigia que as coisas ficassem perfeitas.

Casamento "*Foi um casamento católico*"

"Namorávamos por cartas"

Quando comecei a namorar, eu estava em Lisboa e ela no Monte Frio. Tenho mais quatro anos do que ela. Conhecia-a desde o princípio. Namorávamos por cartas. A maneira de se viver naquele tempo era assim. Não fui só eu. Os outros rapazes com as mulheres foi a mesma coisa.



**José Francisco Marques e Maria de Lurdes da
Silva, no dia do casamento (4 de Agosto de 1949)**

Casámo-nos na capela do Monte Frio. Foi um casamento católico. Juntámos os convidados, pessoas de família, em casa da minha sogra. Em parte matavam uma ovelha, era assada no forno. Faziam arroz-doce, uns bolos, pão-de-ló e umas coisas. Era assim que se vivia naquele tempo.



Os noivos José Francisco Marques e Maria de Lurdes, na companhia de Padre António (à esquerda), padrinhos, sobrinhos e prima, no dia do casamento (4 de Agosto de 1949)

Descendência *Em Lisboa*

O meu filho nasceu em Lisboa, cerca de dez anos e tal depois de casarmos. Veio ao Monte Frio em pequeno e vem agora. Mas não quer vir para a aldeia, nem pensar nisso!

Lugar *As diferenças de Monte Frio*

A água

Primitivamente, quando povoaram isto, as pessoas vieram para onde havia água. Foi assim que começaram a fazer as povoações. Por exemplo, os

Pardieiros, a Benfeita, o Sardal e isso tudo tinham água e ali é que as pessoas começaram a ficar. Quando tínhamos necessidade dela, íamos às fontes com um cântaro de barro ou com uma lata, uns baldes que havia. Dois, três cântaros de água por dia. No Monte Frio era ali numa fonte à Barroca. A água está sempre a correr e é muito boa. Ainda hoje lá vou buscá-la. As pessoas da terra iam-se governando com aquilo que tinham.

"Não tinham dó dos pobres naquele tempo"

Em tempos, tínhamos que ir a Côja ou a Avô buscar sardinha. Não a vinham vender como vêm hoje. Houve também duas tabernas na aldeia. Uma era da dona Saudade, mas também fechou, porque estavam colectados e tinham que pagar. Aquilo já não dava para estarem abertos. Vendiam vinho, mercearias, arroz, feijão, açúcar... Ultimamente já vinha embalado mas, noutros tempos, não. Eu nem me quero lembrar desse tempo! Usavam uns cartuchos que pesavam muito...

"Para ter direito a 1 quilo de açúcar"

Em Lisboa, quando o meu filho nasceu, em 1951, tiveram o desprante de dizer:

- "Olhe, vá ao Alto de São João buscar uma senha para ter direito a 1 quilo de açúcar!"

Vejam bem o que é que foi o país! Em 1951 nasce o meu filho. Tive que ir buscar uma senha para ter direito a 1 quilo de açúcar!

Nestas aldeias, ainda não passaram muita fome, porque cultivavam as batatinhas, o feijão, o milho, o centeio, as hortaliças e tinham o gado. Mas nas cidades foi um bocado complicado. Muito mau mesmo! Presentemente não há comércio em Monte Frio mas, aqui à minha porta, é a praça pública. À quinta-feira vêm vender o peixe. O pão é todos os dias. De segunda a sábado vem aí um indivíduo vender. E de Côja vêm três dias por semana: segunda, quarta e sábado. Ao sábado vem também uma senhora e o marido, com um camião, e vendem frutas e legumes.

Alambiques comunitários

Alambiques comunitários havia dois. Cada pessoa que lá fazia tinha que dar ao proprietário, uma hipótese, por cada 5 ou 6 litros de aguardente, 1 litro de maquia. Depois lá tinha que carregar o alambique e, claro, limpá-lo e levar lenha. Até eu tive um alambique. Era do meu falecido pai. Esteve na propriedade mas, como aquilo é cobre, eu fui lá buscá-lo.

Um alambique é uma caldeira, que tem uma fornalha para levar lenha por baixo. Metia-se aquilo lá para dentro e depois punha-se-lhe lenha por baixo até começar a ferver. Até aquecer tem que levar bastante lenha. Mas, quando começar a deitar aguardente, tem que estar com pouco lume, mas uma chama certa, porque senão deita muita. Depois tinha um tanque com água e, lá dentro, passava um tubo metálico para arrefecer. Tinha que estar a água do tanque sempre fria para sair a aguardente. Quanto menos deitasse, melhor! Melhor qualidade ficava. Para ela ficar boa, convém pingar 1 litro por hora. É como ela fica bem. A última aguardente que eu fiz foi em 1980. Agora não posso beber nada disso.

"Pessoas que estudaram e aprenderam com os antecessores"

Eu, no tempo em que havia aí os alambiques, até tinha um remédio para a constipação: café quente com mel e um bocadinho de aguardente. Um dia ou dois e, não abusando muito, lá matava os micróbios. Porque antigamente não tínhamos médico. Havia aí um indivíduo na Benfeita que era o José Augusto. Já morreu há muitos anos. Nem enfermeiro era mas, no entanto, era entendido e dava injeções e tal. Eram pessoas que estudaram e aprenderam com os antecessores. Mais tarde começou a vir o médico. Vinha a cavalo. Vindo a cavalo é numa hora porque, nos séculos passados, os transportes para a Covilhã eram por estas serras fora. Para cá chegar, o médico tinha que subir pelo Cabeço da Chama. Dois carros de bois passavam ali onde estão as casas da Fonte Raiz e da Catraia de Fonte Espinho. Eu, às vezes, ponho-me a pensar o que é era ir assim. O que é que os animais e as pessoas não sofriam de baixo de chuva por aí fora.

"Presentemente já não estamos isolados"

O Monte Frio é um sítio pobre, mas já foi pior. Eu digo uma coisa: venho para a aldeia porque realmente nós temos condições de viver. Para cima, lá para

a Moura da Serra, Porto da Balsa e Piódão, não ia. No Inverno aquilo fica tudo coberto de neve. Em tempos, ia lá a carreira duas vezes por semana, à segunda-feira e à sexta. Agora isso acabou tudo. Há pouco tempo fui a Côja ao dentista. Para lá ainda fui na camioneta. Depois vi vir um homem num carro de praça. Ele reconheceu-me e veio-me trazer ao Monte Frio. Não tive trabalho. Estava sozinho e vim-me embora, vim almoçar a casa. Ao passado de dez minutos estava aqui à porta! Mas isto também já não fica barato, já custa 11 euros. Se for aqueles que vão para a serra, leva muito mais tempo e é muito caro.

Presentemente já não estamos isolados, porque temos a televisão e os telemóveis. Ao princípio não havia, porque a electricidade na aldeia só tem 40 anos. Ficaram muito satisfeitos mas, primitivamente, a luz não era tão forte como é hoje. A electricidade era fraca e, nesse tempo, até as televisões tinham que ter um aparelho, um género de amplificador, para estabilizar a luz e torná-la mais forte. Mas também só havia televisão nas tabernas. A Saudade teve logo. De resto, não havia mais ninguém com ela. Em casa pouca gente tinha isso. Depois que fizeram, na Lomba, uma nova instalação isto, felizmente, está melhor.

Cartão de Visita

Monte Frio, está na geografia, é um monte que está em cima da Benfeita. Portanto, sendo ali o Monte Frio, ficou com esse nome. Sempre o conheci com este nome. No Largo do Outeiro, há um miradouro. Mas as fotografias do Monte Frio são bem tiradas da Malhada.

Em baixo são os Pardieiros, porque parece que eram algumas casas velhas quando lá começaram a morar as pessoas. Mais adiante são as Luadas e o Pai das Donas. Do outro lado, é o Enxudro e o Sardal. Também temos a Mata da Margarça, lá em baixo, e a Fraga da Pena. Uma coisa que eu gosto é ao Vale de Maceira ver onde é a romaria da Senhora das Preces. O Santuário da Senhora das Preces. Tem lá dez capelinhas que mostram a paixão de Cristo, desde quando nasceu, a Última Ceia e depois, por ali fora, os sacrifícios que sofreu. Do Piódão eu não gosto. Já lá fui diversas vezes. Mas há dois anos, em Julho, houve duas trovoadas que chocaram ali uma com a outra. Formou-se uma tromba de água ia varrendo aquilo tudo por ali abaixo. Fez lá uns prejuízos danados! Houve um indivíduo que estava lá a passar férias, descuidou-se e foi apanhado na enxurrada. Esteve soterrado lá nas areias a quase uma semana! Andaram lá os bombeiros e depois é que viram que estava lá. As trovoadas são muito perigosas.

"Valentões de Monte Frio"

Em todas as aldeias, mais ou menos, havia nomes que chamavam às pessoas. Aos da Relva Velha chamavam-lhes "Espicha Sapos". Havia os "Pintassilgos" de Arganil, os "Bois" de Côja... E também os "Valentões" de Monte Frio. De vez em quando, tocavam ao vinho, bebiam uns copitos e andavam com zaragatas.

As pessoas da aldeia eram quase todas analfabetas. Uma das coisas que tinham, e ainda têm, é a mania de em vez de dizerem "boa noite" dizerem "boa noute, boa noute", em vez de "irem para baixo" vão "pia baixo"¹ ou "pia além"². Era a maneira de falarem antigamente. Mas, eu digo uma coisa, a minha tia madrinha era analfabeta, mas para fazer contas de cabeça não havia quem. Chegou a ter uma mercearia e era formidável.

Costumes

A procissão de Monte Frio

No dia da procissão de Monte Frio, vinha a música de manhã e havia missa solene na capela. Depois saía a procissão com andores e música a tocar. Primitivamente, parece-me que eram só quatro santos. Era o Milagroso Bom Jesus, a Senhora das Febres, mais tarde a Senhora de Fátima e a Senhora da Boa Viagem. Depois nós é que pusemos a imagem de Santo António. Trouxemo-la em 1955. Até aí não havia. Agora há lá uma da Rainha Santa Isabel e a imagem do Santo Expedito, mas também não a podem levar, porque é muito pesada. Ainda era uma procissão grande. Naquele tempo os mordomos ofereciam umas ofertas e tal e a música ia tocar assim por aí fora. Em 1980 eu levava o guião. Se me apanhasse nesse tempo... Era giro!

Dizem que lá no largo é a Casa de Convívio e isso tudo, mas... enfim. No tempo do meu filho, a rapaziada ainda criou a Comissão de Juventude. Até angariaram muito dinheiro. Chegaram a fazer umas festas na Rua da Voz do Operário, uns bailes, umas coisas para arranjarem dinheiro. Mas, depois, o meu filho foi para a tropa e outros também e acabaram com isso. Tudo termina.

¹por aí abaixo

²por aí além

No nosso tempo ligava-se mais. Eram mais humildes! A maneira de viver tornava as pessoas mais humildes. Dançavam quase todos os domingos. Não havia televisão... A minha mulher tinha o "pé leve", eu era "pé de chumbo" Mas não tenho pena nenhuma, nunca me deu para isso. Gosto de música, mas agora dançar, nunca tive jeito. Para isso, era o meu irmão que foi para o Brasil. Esse ladrão é que ia para as festas e para um lado e para o outro!

A matança do porco

As pessoas que podiam, normalmente, a quase todos os anos, matavam um porco. Havia pessoas até que matavam dois. Era mais ou menos em Novembro e, porque nem todos podiam, em Março. Quanto mais frio estiver melhor fica a carne. Para segurar o porco e isso tudo, havia uns homens válidos naquele tempo, nem todos. Porque para os sangrar é preciso saber, convém tirar-lhe o sangue todo fora. E depois também para o abrir tinha o seu preceito. Por exemplo, um falecido indivíduo que morreu na minha casa (ainda era a casa antiga), esse tinha jeito para matar os porcos. Mas houve aí assim diversos. O porco era morto, preparado e dependurado. Era preso com uma coisa de um tronco de oliveira, a que chamavam um chambaril, e estava ali até enxugar. Eram chamuscados com carquejas que davam um certo gosto à carne. E depois, claro, com umas facas bem afiadas raspavam aquilo. Dava muito trabalho, mas era uma alegria!

Todas as casas tinham uma tina. Era uma arca em madeira, em pinho, que estava nas lojas. Naquele tempo, a carne de porco ia para a salgadeira. Estava ali um certo tempo no sal e depois era tirada. Bem, menos os lombos e aquelas partes de carne que faziam morcelas, chouriço de carne - chama-se linguiça, mas é chouriço de carne, farinheiras... Depois de secos eram postos numas painelas metidas em azeite. Aquilo estavam sempre ali que era uma maravilha! E então o lombo de porco mesmo com a parte da gordura toda? Meio frito e posto numa panela coberto com aquele óleo depois, quando se tirava, nem queiram saber o que era aquilo! Os presuntos punham-se a secar no fumeiro e aquela carne assim mais gorda cortava-se aos bocadinhos para pôr nas sopas. Até os ossos da cabeça se aproveitavam. Coziam-nos e faziam o espinhaço. Eu gosto daquilo tudo. Era muito boa! A carne ainda se come, mas já não é aquele gosto que era. Tomara eu hoje apanhá-la!

Sonhos "*Pensar sempre no futuro*"

O meu maior sonho foi viver, educar o meu filho e pensar sempre no futuro. Era ter também uma casinha independente para habitar. E era ter também uma

casa cá no Monte Frio. Felizmente, está aqui feita há 20 anos! Viemos habitá-la no dia 4 de Agosto.

Avaliação "*Que se recolham coisas acertadas*"

Desde que seja uma coisa válida, acho muito bem este trabalho. Que se recolham coisas acertadas e que seja realmente para divulgar a vida das pessoas ou, por outra, a história das terras. Coisas que realmente se possam aproveitar.